



Roda da Fortuna

Revista Eletrônica sobre Antiguidade e Medieval
Electronic Journal about Antiquity and Middle Ages

Victor Mariano Camacho¹

Menores e eruditos: revisão historiográfica acerca do estudo e intelecto na ordem franciscana na Idade Média

Minors and Scholars: Historiographical Review about Study and Intellect in the Franciscan Order in the Middle Ages

Resumo:

Em inícios do século XIII, surgia a Ordem dos Frades Menores formada a partir da experiência de pobreza e humildade de Francisco de Assis. O grupo que inicialmente era formado majoritariamente por leigos e iletrados, diante das exigências da Igreja Romana, com o tempo passa a dedicar-se ao saber teológico e com isso, se inserir nas universidades. Este texto apresenta um levantamento de alguns dos principais trabalhos escritos a partir da segunda metade do século XX incluindo estudos mais recentes que analisam desenvolvimento da atividade intelectual entre os franciscanos na Idade Média.

Palavras-chave:

Estudo; historiografia; franciscanismo

Abstract:

At the beginning of the 13th century, the Order of Friars Minor emerged from the experience of poverty and humility of Francisco de Assis. The group that was initially formed mostly by laypeople and illiterates, given the requirements of the Roman Church, over time started to dedicate themselves to theological study and, with that, to enter the universities. This text presents a survey of some of the main works written from the second half of the 20th century, including more recent studies that analyze the development of intellectual activity among Franciscans in the Middle Ages.

Keywords:

Study; historiography; franciscanism.

¹Doutor em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Tutor presencial do curso de graduação em História da UNOPAR e professor da rede pública do estado do Rio de Janeiro. Email: victormcrj@gmail.com.

Introdução: considerações sobre a inserção dos Frades Menores na universidade medieval

Entre finais do século XII e inícios do século XIII é possível observar expressivas mudanças de natureza cultural no Ocidente. Algumas delas ocorrem nas formas de vida religiosa que até então existiam, surgindo novas comunidades inspiradas no fenômeno denominado de Vida Apostólica (Vauchez, 1998: 82-83).²

Alguns destes grupos tornam-se institutos aprovados pela Sé Apostólica e passam a se dedicar a atividades apostólicas, sobretudo na pregação em consonância com as diretrizes do papado e da Cúria Romana. Ao longo do tempo, tais comunidades receberam o nome de Ordens Mendicantes.³ As principais foram os chamados Frades Pregadores, os Frades Agostinianos, Carmelitas e também os Frades Menores, sobre os quais este trabalho trata.⁴

A comunidade formada em torno da figura de Francisco de Bernadone, um jovem mercador de Assis, cidade localizada na Úmbria, região central da Península Itálica, era composta em sua maioria de leigos, incluindo aquele tido como fundador. O jovem que, após renunciar aos bens paternos, passa a viver como eremita, em seguida, dedica-se a uma vida itinerante, pousando em humildes casas próximas dos centros urbanos. Alguns, além de leigos, também eram iletrados, pertencentes a grupos sociais menos abastados, como camponeses, trabalhadores urbanos, artesões, notários, etc...

Após receberem a aprovação eclesiástica pelo Papa Inocência III em 1209, os religiosos passaram a se chamar Frades Menores. Os frades inicialmente dedicavam-se à pregação de cunho penitencial, que consistia em exortações simples ao povo, feita em vernáculo, com o intuito de fomentar a piedade popular e a observância dos sacramentos.

² Segundo André Vauchez, os movimentos de Vida Apostólica, alguns formados por leigos ansiavam viver um cristianismo aos moldes dos apóstolos com uma vida de simplicidade, renúncia de bens, fraternidade e pregando o Evangelho. Tais comunidades a princípio vistas com certa desconfiança pela Igreja, com o tempo passam a ter o aval do papado.

³ De acordo com Auguste Thompson, o termo ‘mendicante’ só passou a ser usado em relação a estes institutos por volta do século XVI. Durante o século XIII, tanto dominicanos quanto franciscanos eram chamados de “*frater*” (irmão). (Cf. Thompson, 2011: 3-30).

⁴ Apesar da grande maioria dos estudos se concentrarem nos dominicanos e franciscanos, no contexto do século XIII surgiram outras ordens que também foram consideradas mendicantes, como os agostinianos, aprovados pelo papado em 1244, e os carmelitas, em 1245. Há também a ordem dos servitas, fundada em 1233 e reconhecida somente no século XV como mendicante. Posteriormente, surgiram as ordens dos trinitários, os mínimos e os irmãos de São João de Deus, além dos jerônimos. (Cf. Cresta, 2010:141-151).

Entre os anos de 1215 e 1220, cinco frades foram martirizados no Marrocos em uma expedição missionária no Oriente, o que deu ao movimento notoriedade, levando a um considerável aumento do número de candidatos, tanto leigos quanto clérigos. Contudo, as dificuldades enfrentadas pelos franciscanos em suas primeiras missões além-mar em 1219 sinalizaram para a necessidade de uma melhor formação dos religiosos para a pregação e a possibilidade de um embate frente aqueles considerados hereges.

Um dos casos que ilustra o despreparo dos religiosos para pregar além da Península Itálica é narrado na Crônica de Frei Jordão de Jano. Segundo o texto, foram enviados cerca de sessenta frades para terras germânicas. Eles não conheciam o idioma local e quando interrogados se desejavam hospedagem e alimentação respondiam “*ii*”. Ao verem que com esta expressão eram bem tratados, passaram a usá-la em qualquer situação e assim o fizeram quando perguntaram se eram hereges vindos da Lombardia. Desta forma os religiosos teriam sido presos, outros linchados e acabaram retornando para a Itália (Jordão de Jano, 2008: 1265).

Francisco não demonstrou em seus escritos aversão ou oposição aos frades clérigos ou àqueles que se dedicavam ao cultivo da erudição. Em seu *Testamento* há uma exortação para que os frades honrem tanto aos pregadores quanto aos teólogos: “E a todos os teólogos e aos que ministram as santíssimas palavras divinas devemos honrar e venerar como a quem ministra espírito e vida” (Francisco de Assis, 2008: 189). Neste contexto, teólogos, provavelmente seriam aqueles que se dedicavam a interpretar os textos sagrados e ao estudo da Teologia.

Já em inícios do século XIII, os frades ampliaram sua ação apostólica para regiões além da Úmbria e, em seguida, da Península Itálica, pregando em outras localidades, como o Oriente Islâmico, a Península Ibérica, em terras germânicas e também no reino da França. Com isso, há uma expansão do movimento que se iniciou na pequena comuna italiana, levando a um aumento do número de religiosos, bem como uma variação no perfil dos que passaram a fazer parte do movimento. Com as missões da Ordem em diversas regiões além da Península Itálica, ingressaram na comunidade não só leigos como também clérigos e universitários de instituições de ensino de localidades como Paris, Bolonha e Oxford.

Durante os séculos XII e XIII, o Ocidente experimentou também expressivas mudanças no tocante às concepções acerca do saber. Neste momento ocorre o desenvolvimento de várias instituições de ensino, como as escolas vinculadas às catedrais, onde se ensinavam as chamadas Artes Liberais, e, principalmente, as universidades.

No início do século XIII na Ordem dos Frades Menores, nem todos os religiosos eram clérigos, na verdade, aqueles que possuíam as ordens sacras, ou

ainda versados em latim eram uma minoria. A princípio, o movimento não tinha por objetivo formar homens para atuarem na Liturgia, pregar ou exercer trabalho apostólico, porém, o grupo recebia candidatos que já haviam sido ordenados e receberam letramento prévio.

A Ordem dos Frades Menores passou por um processo de “clericalização”.⁵ Ou seja, o grupo inicialmente era formado majoritariamente por leigos, incluindo seu fundador, Francisco de Assis, que antes se dedicava a mendicância, a pregação simples de caráter penitencial, sem qualquer erudição ou refinamento teológico, acabou se transformando a medida em que recebia diversos candidatos clérigos e também sacerdotes.

Como elucida Grado Giovanni Merlo, não se pode ignorar o fato de que religiosos com formação teológica provenientes de diferentes regiões de fora da Úmbria, tenham mudado as características da Ordem (Merlo, 2005: 31). Tornava-se cada vez mais visível uma distinção dos frades letrados face aos demais, pois os primeiros se dedicavam, sobretudo, a atividades como a pregação e o estudo da Teologia, em virtude do seu letramento, enquanto os segundos, justamente por serem iletrados, dedicavam-se, mormente, a trabalhos manuais.⁶

Vários clérigos ingressaram no movimento franciscano neste período, como foi o caso de Antônio de Pádua e Tomás de Celano, autor da primeira hagiografia de Francisco. A inserção de frades com este perfil levou a transformações na forma de vida dos religiosos, que dão cada vez mais ênfase ao saber teológico em vista da pregação.

Além disso, com o ingresso de noviços vindos de faculdades pela Europa, os frades se inserem, cada vez mais, no ambiente universitário, assumindo cátedras de Teologia, principalmente em Paris e Bolonha, formando mestres e intelectuais. Com o tempo, algumas funções dentro da ordem foram privadas aos leigos, ficando restritas aos clérigos, como é o caso da pregação, além das funções de administração de conventos e governo de custódias e províncias.

⁵ O termo “clericalização” é utilizado por autores que trabalham com a história do franciscanismo como Lázaro Iriarte, Grado Giovanni Merlo e Teóphile Desbonnets. Ele designa um processo que ocorre dentro da Ordem dos Frades Menores onde cada vez mais, os religiosos clérigos assumem funções de governo e a hegemonia dentro do grupo, estreitando suas relações com a Santa Sé. Por outro lado, os irmãos leigos, frades que eram iletrados ou mesmo que não eram sacerdotes são afastados de algumas atividades como pregação ou de assumirem funções como a guardiana de conventos ou o cargo de ministro provincial.

⁶ De acordo com André Miatello, a pregação de cunho simples que Francisco e os minoritas inicialmente proferiam não estabelecia relações profundas com temas bíblicos, tal qual a pregação erudita. Era uma exposição desprovida de quaisquer sutilezas teológicas ou recursos retóricos, de cunho muito mais exortativo do que catequético. (Miatello, 2013: 104).

Os Frades Menores, agora inseridos no âmbito da universidade, também fundam a sua escola teológica, pensando suas próprias concepções acerca do sagrado, do entendimento do divino e da própria visão da aquisição de conhecimento como forma de se compreender os elementos da fé católica. Mestres franciscanos começam a propor novas teorias e reflexões teológicas fundando correntes de pensamento.⁷

Doravante, sobretudo, a partir da segunda metade do século XIII, ser frade menor passou a ser sinônimo de clérigo e letrado, tal elemento pôde ser observado durante o generalato de Boaventura de Bagnorégio em que se estabeleceu que o instituto deveria priorizar candidatos com prévio letramento para dar continuidade aos seus estudos e que leigos só deveriam ser aceitos em caso de extrema necessidade.⁸ Assim, a grande maioria da fraternidade, passou a ser formada por “homens de saber”.⁹

Feita esta exposição inicial sobre a inserção dos frades no meio universitário, o texto, portanto, busca apresentar alguns trabalhos que versam sobre o desenvolvimento da atividade intelectual no âmbito da Ordem dos Frades Menores e sua inserção na instituição universitária durante a Idade Média, a partir de um levantamento desenvolvido ao longo da pesquisa de doutorado concluída no primeiro semestre de 2020.

A historiografia sobre a inserção dos Frades Menores na Universidade no contexto do medievo

⁷ Alguns dos mestres que se destacaram na escola de Teologia parisiense são o britânico Alexandre de Hales e o próprio Boaventura de Bagnorégio.

⁸ Durante o generalato de Boaventura, no capítulo geral realizado em Narbona na França em 1261, foram aprovadas as Constituições Gerais que tinham como uma de suas principais características, diretrizes mais precisas quanto a organização dos estudos dos Frades Menores. Em uma de suas rubricas era previsto que: “ordenamos que ninguém seja recebido à nossa Ordem se não for um clérigo competentemente instruído na gramática ou na lógica, ou se não for um clérigo ou um leigo cujo ingresso seja uma edificação muito importante e insigne para o povo e para o clero. Mas se, contrariamente a essa forma, for necessário receber alguém por causa do exercício de trabalhos domésticos, não seja recebido sem urgente necessidade, e isso com licença especial do Ministro geral” (Constitutiones generales Ordinis Fratrum Minorum editae et confirmatae in Capitulo generali apud Narbonam, 1941: 286).

⁹ Jacques Verger salienta que, na Alta Idade Média, no âmbito do Ocidente Medieval, o homem erudito era simplesmente entendido como o *vir litteratus*, ou seja, aquele que sabia ler e escrever em latim de maneira mais ou menos correta. Verger destaca que, neste momento, o grupo dos *litterati* se confundia com os eclesiásticos, clérigos e monges. Logo, os leigos eram considerados, por definição, iletrados, ainda que entre a aristocracia laica existissem pessoas com algum tipo de instrução e conhecimento do latim. Porém, a partir do século XIII, o letrado não era somente aquele vinculado à hierarquia eclesiástica, mas também todos aqueles que se dedicavam ao estudo. Verger define, portanto, estes letrados como “homens de saber” (Verger, 1999:16).

Camacho, Victor Mariano

Menores e eruditos:

revisão historiográfica acerca do estudo e intelecto na ordem franciscana na Idade Média

www.revistarodaafortuna.com

No levantamento do material, enfatizei livros, artigos ou teses que tratassem da inserção dos minoritas no meio acadêmico e o cultivo da erudição em vista da ação apostólica. O que observei em nível nacional é a preocupação em discorrer sobre os mendicantes de forma genérica, entendendo, sobretudo, franciscanos e dominicanos no âmbito da Universidade de Paris.

A temática já foi explorada de forma considerável por outras áreas, como a Teologia e Filosofia, visto que ao longo dos séculos XIII, XIV e XV, intelectuais de renome vinculados a estas ordens contribuíram para estas áreas como é o caso do dominicano Tomás de Aquino, os já citados Boaventura de Bagnorégio, Duns Scotus, Guilherme de Ockham, dentre outros. Contudo, no que se refere à inserção dos mendicantes no meio acadêmico e, especificamente os Frades Menores, os trabalhos historiográficos não abundam.

No começo, a maior parte das análises sobre o tema partiu de iniciativas de religiosos franciscanos. Além disso, os trabalhos produzidos por pesquisadores de fora do instituto ainda hoje são publicados, principalmente, em eventos promovidos pela própria Ordem, o que demonstra que a temática tem sido pouco explorada em instituições seculares; elemento a ser questionado, pois não há dificuldades no acesso ao acervo documental dos religiosos franciscanos.

Esta revisão historiográfica apresentará trabalhos, incluindo não apenas livros, mas também artigos, que tem como temática central o cultivo do estudo e o ensino entre os Frades Menores no contexto do ocidente medieval. As obras serão apresentadas usando como critério a ordem cronológica das publicações.

Estabeleço como ponto de partida a publicação da revista *Sudi Francescani*, periódico trimestral vinculado aos Frades Menores da Itália, que reúne diversos textos de pesquisadores acerca do movimento franciscano. Os primeiros números foram publicados no início do século XX, em 1903. Na época, a revista tinha o nome de “*La verna*”. Cabe lembrar que em finais do século XIX, houve os primeiros esforços de pesquisas sobre a história do movimento franciscano fora da própria Igreja Católica, com as pesquisas do teólogo calvinista Paul Sabatier, que pela primeira vez fez um estudo crítico das fontes relacionadas à vida de Francisco e a Ordem (Sabatier, 2006: 55-58).¹⁰

A partir de então, houve maior preocupação por parte da instituição em promover pesquisas no acervo documental disponível nas diversas províncias ou até que se encontravam fora das fraternidades. Deste periódico, destaco em específico o

¹⁰ Os estudos de Paul Sabatier levaram a Ordem a rever vários posicionamentos sobre a figura do fundador, Francisco de Assis e da própria natureza da instituição. O teólogo ao analisar hagiografias que até então não tinham sido descobertas pelos religiosos, levantou a tese de que os frades teriam apresentado uma imagem deturpada do santo e que o documento por ele analisado, traria a verdadeira história e as características de Francisco de Assis, destacando a pobreza, austeridade e simplicidade da qual a Ordem se distanciara.

texto *Il tre principali organizzatori degli studi nell'Ordine dei Frati Minori*, escrito pelo frade Michele Brlek, publicado em 1958. O trabalho destaca os principais ícones que promoveram a atividade universitária entre os frades ao longo da história da Ordem, que na visão do autor foram Boaventura de Bagnoregio, Bernardino de Sienna e João de Capistrano.

O texto destaca que inicialmente, não fazia parte da realidade dos minoritas o saber acadêmico e que sua inserção neste meio se dá em virtude de sua obediência à Igreja Romana, que passa a exigir estudos em Teologia para os pregadores. Além disso, de acordo com Brlek, os primeiros esforços, em se organizar e sistematizar os estudos na Ordem, partem de Boaventura e da promulgação das Constituições de Narbona. Este trabalho, todavia, não demonstra preocupação em fazer grandes reflexões ou problematizações sobre o tema, mas sim apresentar informações e destacar personalidades com o intuito muito mais de exaltar a atividade acadêmica na Ordem da qual o autor faz parte (Brlek, 1958).

Ao longo do século XX, outro elemento que impactou as pesquisas não apenas sobre a Ordem dos Frades Menores, mas da vida religiosa como um todo foi o Concílio Vaticano II. Tanto na Constituição *Lumen Gentium* que tratava da natureza da Igreja, quanto no Decreto *Perfectae Caritatis*, este direcionado especificamente aos institutos de vida religiosa, o discurso era de um “retorno às origens”, ou seja, que as ordens religiosas resgatassem a essência proposta pelos seus fundadores, mas adaptando-se a realidade que naquele contexto se apresentava: o contexto do pós-guerra, um mundo ideologicamente polarizado e uma sociedade que passou a questionar elementos como imperialismo, racismo, gênero, etc... (Matura, 2005:8-9).

Diante disso, as reflexões sobre a história da Ordem e de suas origens por parte dos religiosos passaram a analisar não apenas a figura de Francisco e a natureza da instituição surgida no século XIII, mas de alguma forma, explicar ou até mesmo justificar as diversas transformações ocorridas do medievo até o século XX, como a inserção cada vez maior dos frades em instituições de ensino.

Neste sentido, outro texto de Brlek, escrito já nos anos 70, é intitulado *Gli S. Bonaventura e gli studi nell'ordine francescano*. Trata-se de um capítulo que compõe uma coletânea de ensaios sobre o generalato de Boaventura. Em sua exposição, Brlek salienta que os minoritas começam a se dedicar ao saber teológico inseridos nas diretrizes estabelecidos pelo IV Concílio do Latrão, que fazia tal exigência em vista de regulamentar a prática da pregação no contexto da Idade Média Central, período em que a Igreja busca maior centralização doutrinal, a fim de combater a dissidência religiosa.

O frade destaca que no momento em que Boaventura é eleito ministro geral, ele vê a necessidade de organizar e estabelecer diretrizes em relação ao estudo dos religiosos. O Doutor Seráfico (como passou a ser chamado o ministro) também inserido no âmbito do ensino universitário, promove, por meio do Capítulo Geral de 1261, a sistematização do estudo teológico entre os Menores, além da aquisição e do uso de livros por parte dos estudantes. O texto em si apresenta apenas informações sobre as medidas de Boaventura no tocante à organização da atividade intelectual na Ordem e não apresenta questões ou discussões profundas sobre o tema (Brllek, 1976:211-225).

O historiador Raoul Manselli, por seu turno, em 1974 produziu o artigo *La clericalizzazione dei minori e San Bonaventura*, no qual discorre sobre o processo de clericalização da Ordem no século XIII. Segundo o autor, a clericalização deve ser entendida como consequência das transformações de ordem institucional da Igreja Romana na Idade Média Central. O cultivo da erudição para os pregadores no século XIII se tornou uma demanda desta Igreja com o intuito de conter a dissidência religiosa e a expansão das heresias.

Na visão de Manselli, o estudo entre os frades faz parte do processo violento (termo usado pelo autor) em que a fraternidade se enquadra nas diretrizes desta Igreja que buscava cada vez mais centralização política e disciplina do clero. A incorporação dos franciscanos à Igreja visava também eliminar a possibilidade de o movimento cair na dissidência herética. Portanto, a formação teológica era essencial não só para a ação pastoral, mas também para que os frades incorporassem a ortodoxia católica. Manselli destaca a figura simbólica de Antônio de Pádua como ícone desta nova face do movimento em que os clérigos ocupavam a posição de hegemonia (Manselli, 1974: 181- 208).

Dentro deste contexto pós-conciliar em que se falava de um “retorno às origens”, como conceber uma atividade que não estava na origem da pequena fraternidade de Assis? Como já mencionado, a figura de Boaventura é central no âmbito da história do franciscanismo medieval, seu generalato representa mudanças expressivas na Ordem, principalmente em relação à atividade intelectual entre os minoritas. O primeiro autor, um religioso, vinculado à instituição, como já pontuado, não traz grandes reflexões sobre o tema, enquanto o segundo, um leigo, busca trazer questões sobre a natureza do saber teológico dentro do movimento como uma exigência da Igreja.

Percebemos assim, duas tendências sobre o tema ao longo do século XX: a primeira, defendida, sobretudo pela instituição que entende o cultivo do intelecto e aquisição de saberes pelos frades como parte da natureza de uma ordem religiosa incorporada a Igreja Romana; a segunda, defendida, principalmente no meio secular,

que concebe a inserção dos religiosos em instituições de ensino como uma imposição eclesiástica que afastou o movimento de seu projeto inicial.

Já a partir da década de 80 até a primeira metade do século XXI, os frades menores não apenas na Europa como na América Latina, consolidam ainda mais a sua inserção no campo do saber, não apenas gerindo instituições de ensino superior, mas mantendo escolas destinadas a educação de crianças e adolescentes. Doravante, os centros universitários franciscanos não serão mais restritos aos religiosos, mas abertos também a leigos.

Por isso, o franciscanismo cada vez mais deixa de ser objeto de estudo apenas de frades ou outros eclesiásticos e passa a ser tema de pesquisadores de fora da Igreja. Isto se deve também a ampliação de análises de manuscritos contidos em conventos e outras bibliotecas que redundam na publicação de edições críticas de diversos documentos elaborados no instituto ao longo do medievo, documentação esta que engloba não apenas textos hagiográficos como também normativos.

Neste sentido, Teodosio Lombardi, trabalhou a questão do ensino na ordem franciscana em inícios do século XIII a partir da figura de Antônio de Pádua em um texto intitulado *Sant'Antonio di Padova maestro di teologia a Bologna. Il problema degli studi anli inizi dell'ordine francescano*. O autor concentra a discussão na figura do santo como um dos primeiros letrados da Ordem, além de afirmar que os frades possuíam uma formação teológica deficiente, tomando como parâmetro os dominicanos.

Lombardi discorre sobre o papel de Antônio ao lecionar Teologia em Bolonha para os frades que iriam se dedicar à pregação, além do impacto dos seus sermões elaborados para a quaresma e outros períodos do calendário litúrgico, que serviram de manuais aos frades em inícios do século XIII (Lombardi, 1981: 797-819).

Outro trabalho que cabe destacar é o livro do frade Bogdan Fajdek intitulado *La vocazione apostolica dell'Ordine dei Frati Minori secondo gli Opuscoli di San Bonaventura*, publicado em 1987. A obra em questão trata de diversos aspectos da instituição durante o generalato de Boaventura, a partir de textos escritos pelo ministro geral.

No que se refere especificamente à erudição entre os frades, o autor destaca a visão institucional sobre o tema, a partir de Boaventura, que tenta desconstruir a dicotomia entre letra, ou seja, intelecto e espírito. Tal embate parte de uma crítica interna da Ordem em relação a inserção dos minoritas no âmbito da universidade.

Fajdek, na verdade, como frade menor, faz uma defesa de sua instituição e procura justificar as mudanças ocorridas na comunidade desde o século XIII. Em sua exposição, o estudo é indispensável na vida franciscana e, de forma retórica, se apropria dos textos de Boaventura para referendar seu posicionamento. Na visão do

autor, a aquisição de saberes é parte da vocação missionária dos religiosos, visto que uma das missões dos franciscanos é a pregação (Fadjek, 1987).

Por outro lado, Jacques Paul em seu trabalho intitulado *Pauvrete et science theologique* trata sobre a questão do minoritismo e a atividade acadêmica dos franciscanos. Tal como Brlek, Paul concorda em afirmar que a aquisição de saberes não fazia parte da realidade dos religiosos no período de formação da primeira fraternidade, contudo, atendendo às diretrizes eclesiais sobre a pregação e a atividade pastoral, os frades passam a dedicar-se com maior afinco a aquisição do saber teológico.

Paul, entretanto, problematiza a inserção dos frades no ambiente acadêmico, pois, na sua visão, a ascensão dos religiosos a cátedras em universidades, em uma sociedade na qual os letrados possuíam *status*, ia contra o princípio do minoritismo previsto pelo fundador em seus escritos como a Regra e o Testamento. Segundo o autor, os religiosos atendem as exigências do papado, atuando na administração dos sacramentos e na defesa da Igreja face à dissidência, o que exigia preparação intelectual (Paul, 1990: 27-66).

Cabe também mencionar a obra *Storia della filosofia franciscana* de José Antonio Merino, professor de história da Filosofia moderna do Pontifício Ateneu Antonianum de Roma. O livro trata-se de um manual sobre a trajetória e as diferentes correntes que compõem a escola franciscana de Teologia formada ao longo dos séculos XIII e XIV.

Merino destaca figuras como Alexandre de Hales, o próprio Boaventura de Bagnoregio, Pedro João Olivi, Roger Bacon e Duns Scottus e ao longo de sua exposição, além de discorrer sobre elementos filosóficos e teológicos como a concepção acerca do sagrado, a verdade, a fé e a natureza humana, também informa dados biográficos dos principais mestres franciscanos, bem como o contexto histórico em que viveram tanto no que diz respeito a Ordem, quanto no ambiente universitário do qual estavam inseridos (Merino, 1993). A obra tem um caráter muito mais informativo apresentando as várias fases da Filosofia e Teologia franciscana e não problematiza questões referentes a inserção dos franciscanos no ambiente universitário.

Outra contribuição é o artigo *Los frailes franciscanos protagonistas de la aventura intelectual de los siglos XIII y XIV*, de autoria do historiador e padre Francisco Javier Fernández Conde, publicado em 1996. Em sua exposição, o autor discorre primeiramente sobre a natureza do movimento franciscano em suas origens e dos primeiros frades. Em sua visão, o franciscanismo tem estreitas conexões com o movimento cisterciense. Destaca o que chama de “naturalismo mundano” de São Francisco, ou seja, sua exaltação à natureza como uma das primeiras reflexões da Ordem em relação ao mundo físico.

Conde apresenta as várias correntes do pensamento filosófico franciscano destacando também nomes como o próprio Boaventura, Alexandre de Hales, Duns Scottus, Guilherme de Ockham. A peculiaridade do trabalho de Conde, entretanto, está em salientar os intelectuais franciscanos que pesquisaram as ciências naturais, como é o caso de Roger Bacon e Pierre de Maricourt, ambos inseridos na realidade da Universidade de Oxford. Conde destaca também a escrita teológica franciscana na Península Ibérica, com pensadores como o catalão Pedro Tomás e o navarro Pedro de Atabarría, que viveram no século XIV (Fernández Conde, 1996: 133-144).

Um dos estudiosos referenciais sobre a atividade intelectual franciscana é Bert Roest da Universidade de Toronto, que publicou dois trabalhos que discorrem sobre o desenvolvimento do ensino e a aquisição de saberes entre os frades ao longo dos séculos XIII e XVI: *A history of franciscan education (c.1210-1517)*, publicado em 2000, e *Franciscan Learning, Preaching and Mission c.1220–1650*, de 2011.

Em seus trabalhos, Roest destaca que o próprio Francisco nunca demonstrou aversão ao cultivo do intelecto por parte dos frades, porém não deixou diretrizes em relação ao estudo em seus escritos, logo, os frades acabaram absorvendo o modelo de ensino dominicano. Porém, enquanto os frades pregadores se dedicavam a Teologia em vista do combate a heresia, os menores passaram a entender tal atividade como uma forma de trabalho prevista na Regra (Roest, 2000).

Roest apresenta informações essenciais sobre a história da educação franciscana, como a fundação dos primeiros centros de estudos provinciais e de cátedras em universidades como Paris, Oxford e Bolonha. Além disso, também trata do uso de livros e da criação de bibliotecas em conventos. O autor, ao longo de sua exposição, sempre procura estabelecer comparações com os dominicanos, a fim de realçar as peculiaridade e semelhanças com modelo franciscano (Roest, 2011). Além disso, discorre sobre missões em regiões como Inglaterra e Holanda até o século XVII e o papel dos franciscanos no contexto da Reforma Protestante para tentar reafirmar a doutrina católica face ao avanço de novas igrejas cristãs.

Para Roest, ainda que o estudo tenha sido uma exigência da Cúria Romana, ele também está estreitamente ligado à atividade missionária da Ordem que englobava a pregação, portanto, não é um elemento estranho a natureza do movimento surgido na primeira metade do século XIII. Se o fundador não havia deixado diretrizes sistematizadas sobre o cultivo do intelecto dos frades, ele não se opôs, justamente porque ainda em vida, percebeu os rumos que a instituição tomava, constatando a sua necessidade para que a fraternidade pudesse se perpetuar após a sua partida.

O frade capuchinho, professor do Pontifício Ateneu Antoniano de Roma, Pietro Maranesi, é outra referência em pesquisas que tratam sobre o estudo e o ensino entre os franciscanos no século XIII. Em seu livro intitulado *Nascente*

Litteras, o autor trabalha, sobretudo, com documentação de natureza normativa, como a Regra, as constituições da Ordem e bulas pontifícias no que se refere à formação teológica no âmbito da fraternidade (Maranesi, 2000).

Maranesi discute as mudanças em relação ao papel do letramento e da formação intelectual dos religiosos dentro da Ordem ao longo dos séculos XIII ao XVI. Segundo o autor, se em um primeiro momento estes fatores não eram relevantes para a comunidade, a inserção dos frades na hierarquia eclesiástica e sua missão apostólica acabam por torná-los preponderantes e até uma condição para ser frade menor naquele contexto.

Outro trabalho de Maranesi é o artigo *Labor sapientiae est corporeo labor. La visione di Bonaventura del lavoro manuale*. Neste ensaio o capuchinho se concentra em discutir a visão do ministro geral Boaventura em relação ao capítulo da Regra Franciscana que trata do trabalho dos irmãos menores, relacionando-o com a aquisição de saberes.

No texto em questão, o autor se utiliza da *Exposição da Regra da Ordem dos Frades Menores*, um documento escrito pelo próprio Doutor Seráfico, que propôs interpretações teológicas aos capítulos da Regra Bulada aprovada em 1221, pelo Papa Honório III. Maranesi destaca que, na visão de Boaventura, o estudo constituiu-se também como uma forma de trabalho desenvolvido pelos frades clérigos, tal como o trabalho manual previsto na Regra (Maranesi, 2015, 433-500).

Em âmbito nacional destaca a tese de doutoramento defendida por Conceição Solange Bution Peri na Universidade Estadual de Maringá, intitulada *Boaventura e o desenvolvimento do intelecto no século XIII: um estudo de suas conferências*. A autora utilizou como documentação central de seu trabalho as conferências que teriam sido proferidas por Boaventura na Universidade de Paris, refutando os mestres seculares.

A autora discute as características da escola teológica franciscana a partir da segunda metade do século XIII e a visão do mestre parisiense em relação a elementos como o conhecimento, o ser humano e a própria concepção do divino. Segundo a tese de Peri, a Filosofia para Boaventura era entendida como conhecimento das coisas mundanas e estaria subordinada à Teologia, que busca o entendimento do divino e do Sagrado (Peri, 2010).

Emanuele Fontana, professor do departamento de História da Universidade de Pádua é outra referência no tocante ao desenvolvimento dos estudos no âmbito da Ordem dos Frades Menores. Em seu livro intitulado *Frati, libri e insegnamento nella provincia minoritica di S. Antonio* publicado em 2012, o autor discorre sobre o caso específico dos frades menores que viviam ao Norte da Península Itálica e que desde a canonização do santo português, tiveram maior inclinação ao saber.

Segundo Fontana, a canonização de Antônio teria impactado no perfil dos frades na região da Lombardia, pois embora Francisco fosse o fundador da fraternidade, a figura do lisboeta como letrado e homem de saber foi tomada muito mais como modelo pelos religiosos da Província de Pádua, fundada logo após o reconhecimento da santidade de Antônio. Por isso, a mesma Província torna-se no século XIII uma das precursoras no que diz respeito a promoção dos estudos entre os minoritas, elemento visto nos estatutos provinciais (Fontana, 2012: 51-62).

Outra referência em pesquisas centradas no desenvolvimento do ensino e estudo universitário entre os franciscanos é Neslihan Senocak, professora assistente da Universidade de Columbia. Destaco dois de seus trabalhos: o primeiro é o artigo *Circulation of books in the medieval franciscan order: attitude, methods, and critics*. Neste ensaio, a autora compara os franciscanos com o movimento monástico, que dificultava o acesso aos livros guardados em bibliotecas de abadias a estudantes.

Segundo a autora, os frades, diferentes dos monges, permitiam o empréstimo de livros do acervo conventual a estudantes seculares. Havia também a utilização de obras escritas por mestres franciscanos por parte de noviços e outros estudantes fora da Ordem, o que propiciou uma maior circulação do acervo dos religiosos ao longo da Idade Média (Senocak, 2005: 146-161).

Destaco também o seu livro, intitulado *The Poor and the Perfect: the rise of learning in the Franciscan Order, 1209-1310*. A obra, mais que um manual sobre a atividade intelectual e ensino no âmbito do movimento franciscano, procura dialogar com alguns dos principais estudos relacionados ao tema como os de Robert Roest e Jacques Dalarun, além de enfatizar o papel do papado para o desenvolvimento dos estudos entre os religiosos.

Ao longo da exposição, a autora salienta que os franciscanos não buscaram desde o início o ambiente acadêmico. Este elemento penetra na Ordem conforme os frades se dedicam a missões fora da Península Itálica, levando a entrada de diversos candidatos eruditos, dentre eles mestres como Matheus de Narni e Alexandre de Harles. Senocak também atenta para a dificuldade das províncias em preparar os frades para a pregação, quando Francisco ainda estava à frente da Ordem, pois eram escassos os letrados para lecionar Teologia aos noviços (Senocak, 2012).

Por fim, cito o frade conventual e também diretor do curso de Teologia da Universidade de Cambridge, Michael Robson, e seu texto, *Reading notes on the medieval franciscan culture*. O religioso procurou trabalhar, sobretudo a questão do acervo de livros acumulado pelos frades ao longo dos séculos XIII a XV, dando destaque aos conventos que compõem a província de Santo Antônio no Norte da Itália.

Robson destaca que o uso de livros passou a fazer parte da realidade dos religiosos, conforme se dedicavam a atividade apostólica e a pregação, levando a inserção dos mesmos na universidade. Em seu trabalho, o autor discorre também acerca das normativas sobre o uso de livros por parte dos religiosos, realçando a riqueza dos acervos presentes nas bibliotecas vinculadas a conventos franciscanos na região (Robson, 2013: 411-419).

O que se constata ao longo desta exposição é que inicialmente, até os anos 90, como já dito, haviam duas visões sobre a atividade intelectual no movimento franciscano: a institucional que entendia este elemento como inerente a missão da Ordem e a secular que concebia como um distanciamento da essência do grupo formado por Francisco. Entretanto, a partir da primeira década do século XXI, as duas tendências parecem conjugar-se e passam a entender os frades menores como parte da Igreja Romana, a partir do momento em que o assisense solicita a aprovação do grupo de religiosos junto ao papado. Por isso, a dedicação à atividade intelectual seria uma consequência de um processo de institucionalização de um grupo que passou a fazer parte da instituição eclesiástica. Além disso, a visão de que erudição e vida franciscana seriam incompatíveis parece se diluir nas publicações mais recentes.

Considerações finais:

Feita a exposição dos trabalhos que discorrem sobre a atividade intelectual no âmbito da Ordem dos Frades Menores, constata-se primeiramente que os artigos e livros em sua maioria se utilizam de documentos normativos produzidos pela instituição ou ainda de textos de cunho teológico e filosófico escritos pelos mestres do movimento franciscano como Boaventura e Duns Scottus. Torna-se, portanto, necessário ampliar este corpus documental utilizado para melhor compreender este processo de inserção dos religiosos no meio acadêmico, um deles, por exemplo seria a escrita hagiográfica, textos que apresentam considerável riqueza de informações e que, tal como qualquer outra documentação, sofreu influências das metamorfoses institucionais da Ordem.

Quanto a produção nacional, como já dito, o que se percebe ainda, são poucos trabalhos que versam sobre esta temática. Os Frades Pregadores, contemporâneos dos minoritas são objeto de pesquisa da professora Carolina Coelho Fortes da Universidade Federal Fluminense (Fortes, 2011). No caso dos franciscanos, contudo, além da tese de Peri, durante o levantamento, não foram encontrados trabalhos sobre a atividade intelectual na ordem franciscana produzidos por pesquisadores brasileiros.

Analisar o caso do cultivo da erudição e aquisição de saberes no âmbito da Ordem dos Frades Menores ajuda não apenas a compreender a natureza da educação no medievo, mas também as próprias concepções acerca da obtenção de conhecimento naquele período.

O letramento e o estudo universitário representavam também *status* naquela sociedade formada em sua maioria por iletrados. Por isso, como uma instituição cuja característica é o cultivo do minoritismo administra e concebe seus integrantes ocupando cátedras de Teologia e promovendo debates teológicos nas principais instituições de ensino do Ocidente? Cabe lembrar que estes locais eram dominados por uma elite não apenas intelectual, mas também econômica.

Por fim, discutir a atividade intelectual e o estudo no movimento franciscano ajuda também a entender as próprias mudanças de cunho filosófico e científico no ocidente medieval. Os frades no decorrer da Idade Média, não se concentraram apenas na Teologia, mas também, como sublinha Fernández Conde, em outras áreas do conhecimento como as ciências naturais.

Portanto, no que se refere a aquisição de saberes e cultivo de intelecto no medievo, o caso dos franciscanos, auxilia a compreender como o conhecimento que, em um primeiro momento é dominado pela instituição eclesiástica, aos poucos ganha autonomia e passa a se concentrar não apenas no Sagrado, mas busca outras visões que muitas vezes, questionam a própria Igreja e sua dominação. Este processo, como já se sabe, tem como principais protagonistas aqueles que estavam vinculados a ordens religiosas como foi o caso de Guilherme de Ockham. Basta lembrar que Martinho Lutero também era religioso, porém da Ordem de Santo Agostinho.

Referências:

Brelek, M. (1958). Il tre principali organizzatori degli studi nell' Ordine dei Frati Minori. *Studi Francescani*, 3, 325-349.

_____. (1976) Bonaventura e gli studi nell'ordine francescano. In: Pompei, A. *San Bonaventura Mastro di vita franciscana e di sapienza cristiana*. Congresso Internazionale per il VII Centenario di San Bonaventura da Bagnoregio. (pp.211-225). Roma: Pontificia Facolta teológica San Bonaventura.

Constitutiones generales Ordinis Fratrum Minorum editae et confirmatae in Capitulo generali apud Narbonam. (1941). In: Bihl, Michael (ed). *Archivum Franciscanum Historicum*, (pp.13-94; 284-358) Ano 34. Roma: Collegium S. Bonaventure.

Cresta, G. (2010). Valor y sentido del conocimiento en las órdenes mendicantes del siglo XIII. *Acta Scientiarum. Education*. Maringá. 32,141-151.

Fadjek, B. (1987). *La vocacion apostólica dell'Ordine dei Frati Minori secondo gli Opuscoli di San Bonaventura*. Roma: Editrice Antonianum.

Fernández Conde, F. J. (1996). Los frailes franciscanos protagonistas de la aventura intelectual de los siglos XIII y XIV. In: *Atas da Semana de Estudos Medievales*. (pp.133-144). Nájera: Instituto de Estudios Riojanos.

Fontana, E. (2012). *Frati, libri e insegnamento nella provincia minoritica di S. Antonio (secoli XIII-XIV)*. Padova: Centro studi antoniani.

Fortes, C. C. (2011). O *ratio studiorum* da Ordem dos Pregadores no século XIII: considerações sobre a relação entre identidade e educação. *Acta Scientiarum*. Maringá, 33, 77-85.

Francisco de Assis (2008). Testamento. In: Teixeira, Celso Márcio (coord.). *Fontes franciscanas e clarianas*. (p. 189). Petrópolis: Vozes.

Jordão de Jano (2008). Crônica. In: Teixeira, C. M. (coord.). *Fontes franciscanas e clarianas*. (pp. 1263-1294) Petrópolis: Vozes.

Lombardi, T. (1981). Sant' Antonio di Padova maestro di teologia a Bologna. Il problemi degli studi agli inizi dell'ordine francescano. In: Popi, Antonio (org). *Le fonti e la teologia dei sermoni antoniani*. Congresso Internazionale di Studio sui Sermones di S. Antonio di Padova. (pp.791-819). Padova: Edizioni Messaggero.

Manselli, R. (1974). La clericalizzazione dei minori e San Bonaventura. In: *San Bonaventura francescano*. Conveni del Centro di Studi sulla spiritualita medievale (pp.181-208). Todi: Academia Tudertina.

Maranesi, P. (2015). Labor sapientiae melior est corporeo labore melior: la visione di Bonaventura del lavoro manuale. *Teologia spirituale*, (EDB, Bologna), 37, 455-500.

_____ (2000). *Nasciente Litteras: l' ammonizione dela regola franciscana e la questione degli studi nell' ordine (sec. XIII-XVI)*. Roma: Instituto storico dei cappucini.

Matura, T. (2005). Las transformaciones del franciscanismo posconciliar. *Selecciones de Franciscanismo*, Murcia, 101, 6-79.

Merino, J. A. (1993). *Storia dela filosofia franciscana*. Milano: Edizioni Biblioteca Franciscana.

Camacho, Victor Mariano

Menores e eruditos:

revisão historiográfica acerca do estudo e intelecto na ordem franciscana na Idade Média

www.revistarodadafortuna.com

- Merlo, G. G. (2005). *Em nome de São Francisco*. Petrópolis: Vozes.
- Miatello, A. L. P. (2013). *Santos e pregadores nas cidades medievais italianas: retórica cívica e hagiografia*. Belo Horizonte: Fino Traço.
- Paul, J. (1990). Pauvreté et science theologique. In: *Francescanesimo e cultura universitaria*. Convegno Internazionale. Centro di Studi Francescani: Perugia, 27-66.
- Peri, C. S. B. (2010). *Boaventura e o desenvolvimento do intelecto no século XIII: um estudo de suas conferências*. (Tese) Maringá: Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Educação.
- Robson, M. (2013). Reading notes on the medieval franciscan culture. *Il Santo: revista franciscana di storia dottrina arte*, 53, 411-419.
- Roest, B. (2000). *A history of franciscan education. (c. 1210-1517)*. Boston: BRILL.
- _____ (2011). *Franciscan Learning, Preaching and Mission c. 1220–1650*. Boston: BRILL.
- Sabatier, P. (2006). *Vida de São Francisco de Assis*. Bragança: Editora Universitária São Francisco.
- Senocak, N. (2004). Circulation of books in the medieval franciscan order: attitude, methods, and critics. *The Journal of the religious history*, 28, 146-161.
- _____ (2012). *The Poor and the Perfect: the rise of learning in the Franciscan Order, 1209-1310*. New York: Cornell University Press.
- Thompson, A. (2011). The origins of religious mendicancy in the medieval europeu. In: Prudlo, D. S. *The Origin, Development, and Refinement of Medieval Religious Mendicancies*. (pp. 4-30). Boston: BRILL.
- Vachez, A. (1995). *A espiritualidade na Idade Média Ocidental*. Lisboa: Estampa.
- Verger, J. (1999). *Homens e saber na Idade Média*. São Paulo: EUDSC.

Recebido: 06 de dezembro de 2020

Aprovado: 03 de abril de 2021